

A CASTRAÇÃO DE PORCAS PARA

A ENGORDA

J. F. BRAGA

(Do Departamento de Zootecnia)

Entre os nossos criadores a castração de porcas para engorda é pratica comum. Muito poucos são os que engordam porcas sem castrar. Com o objetivo de esclarecer estes ponto realizou-se a experiência cujos resultados serão vistas neste artigo, pretendendo-se fazer outras, procurando engordar lotes de porcas castradas e sem castrar, com várias idades, isto é, eiradas e novas.

Dentro de pouco tempo mais, é possível que se possa esclarecer os criadores sobre esta prática tão usual entre nós, e que às vezes, proporciona prejuizos bem grandes.

Em outros países, onde a exploração dos animais é mais adiantada e intensiva do que entre nós, não se castra a fêmea para engordar. Mesmo porque não se espera que o porco «ganhe eira», como se diz vulgarmente. Nesses países, o animal ao atingir a idade de 10 a 12 meses está gordo e e pronto para o mercado.

Em geral não se computam as perdas da castração. Se isto fosse feito verificar-se-ia que a morte de um só animal, devido à operação, representaria um prejuizo bem sensível que a diferença na engorda, caso haja, não cobriria. Além disso, torna-se necessário que se considere o preço da operação, em muitos lugares feita por criadores bastante habéis e que cobram os seus serviços. Mas não é só. Necessita-se levar em conta também o período de cura do animal, que, não raro, é longo, e as consequências, tais como aderência de intestinos à cicatriz internamente e outras.

A EXPERIÊNCIA

I. Informações gerais — Esta experiência foi iniciada a 15 de fevereiro de 1940 e terminada a 13 de abril do mesmo ano. Foram separadas vinte marrãs, da mesma idade, tão iguais quanto possível. A metade delas, escolhidas ao acaso, foram castradas. Não houve perda e o período de cura foi rápido. Os dois lotes receberam a mesma ração obtida da seguinte mistura:

Fubá	90 kgs.
Tancage	10 kgs.
Farinha de ossos	3 kgs.
Sal grosso	1 kg.

Pelo preço, na ocasião da experiência, cada quilo da mistura acima ficou em \$280. É preciso que se declare que numa engorda econômica o custo do alimento pode ser menor. Neste trabalho a preocupação foi a de dar a mais perfeita igualdade de trato aos dois lotes de animais.

II Velocidade de ganho — Conforme se pode ver pela curva de engorda, no gráfico abaixo, os dois lotes, de porcas castradas e não castradas fizeram ganhos bem iguais.

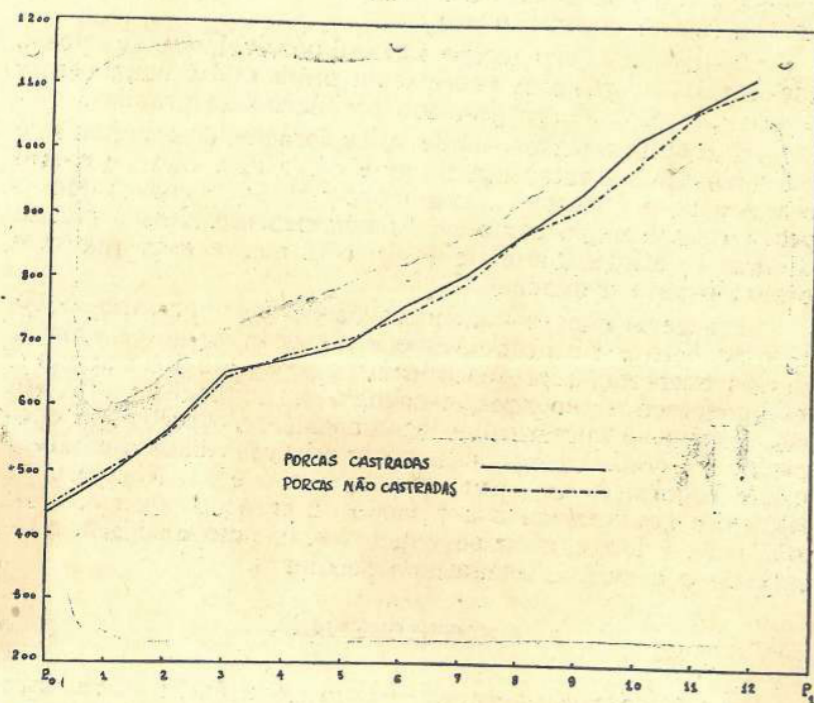


Fig. 1 — Pelas duas curvas de ganho dos dois lotes de porcas, pode-se verificar que é pequena a diferença entre eles.

Durante os 120 dias de experiência o lote de porcas castradas ganhou 690 quilos e o lote das não castradas ganhou 666 quilos. Isto representa um ganho, em peso, de 24

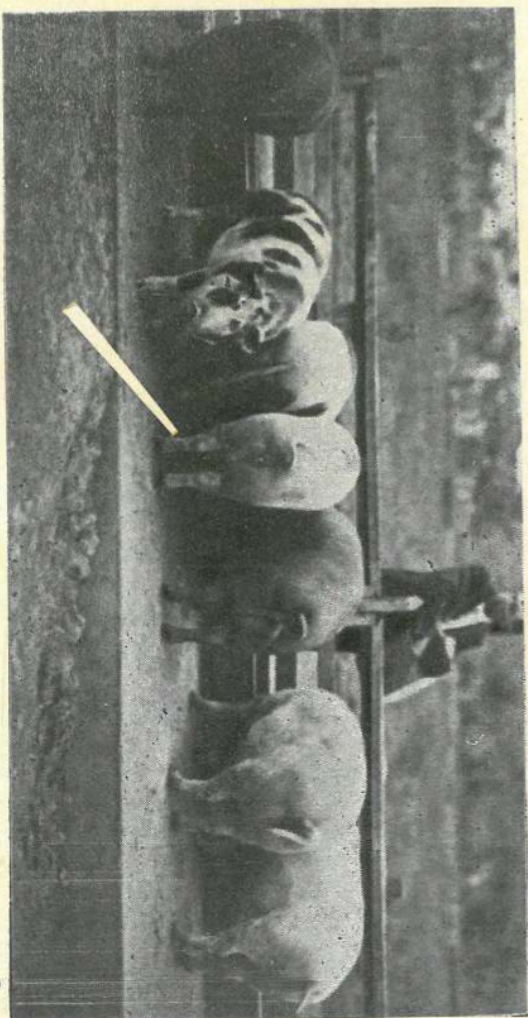


Fig. Nº. 2 — Pode-se ver que as porcas engordaram normalmente a despeito de não serem castradas.

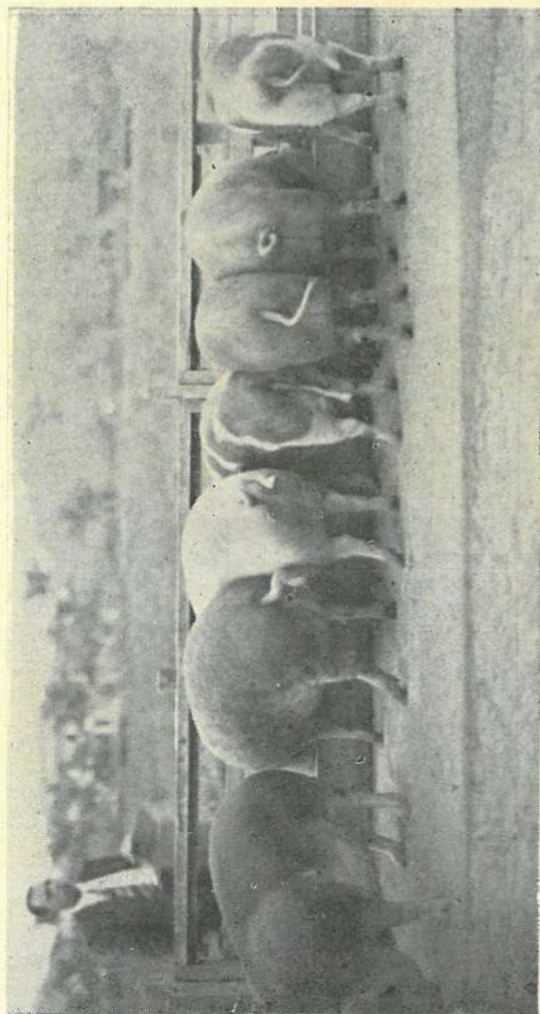


Fig. N.º 3 — Comparando-se as fêmeas deste clichê com as da figura N.º 2, pode-se ver que não há diferença aparente no estado de engorda. Estas porcas foram castradas.

quilos, no lote, a favor das porcas castradas ou seja 2,4 quilos por porca durante o período total da engorda. Esta diferença, pequena, não representa uma razão de valor para se aconselhar a castração, neste caso.

LOTES	Peso ganho em quilograma				
	Peso Inicial	Peso final	Em 120 dias	DIÁRIO	
				LOTE	INDIVÍDUO
Castradas	430	1120	690	5,750	0,638
Não castradas	439	1105	666	5,550	0,616

No quadro acima encontram-se os dados de maior interesse, relativos aos ganhos verificados pelos dois lotes, no decurso da experiência.

III Consumo de alimento — A preocupação foi a de não associar mais que os alimentos essenciais para a balanceamento da ração.

LOTES	ALIMENTO GASTO		
	TOTAL	POR 100 KG. DE GANHO	Por arroba
Castradas	3.155	457,2	68,6
Não castradas	3.151	473,1	70,9

Pelo quadro acima verifica-se que o consumo total de alimento foi praticamente igual para ambos os lotes. No entanto, computando-se o gasto de alimento na base de 100 kgs. de peso ganho, verifica-se um consumo de 15,9 kg. de alimento, a mais, pelas porcas inteiras. Considerando ainda o alimento gasto para formar 1 kg. de ganho, constata-se que as castradas necessitam de 4,730 kgs., de onde se deduz uma diferença de 159 gramas a favor das castradas. Esta diferença justificará a castração?

IV Custo de produção — Tendo-se computado todos os dados de peso e consumo de alimento, é justo que se incluam aqui o custo de produção, particularmente interessantes para o criador. Como ficou dito no início deste trabalho, o custo de 1 kg. da ração foi de \$280.

LOTES	Custo total da engorda	Custo 100 Kgs. peso ganho	Custo de 1 arroba	DIFERENÇA DE CUSTO		
				P/ @	P/ lote	P/ porca
Castradas	883\$200	127\$600	19\$100	— —	— —	— —
Não castradas	879\$100	129\$000	19\$300	+ \$200	+4\$100	+ \$400

A análise do quadro acima oferece uma informação clara. Examinando-o verifica-se que as diferenças no custo de produção de uma arroba, entre os lotes, foi de \$200 a favor das castradas. Continuando-se este exame constata-se que a diferença de custo a crédito das porcas castradas é de 4\$100 em todo o lote e de \$400 por animal. Será que esta diferença de custo justifica a castração? Cobrirá os possíveis riscos da operação?

As outras experiências, em futuro próximo, poderão oferecer conclusões definitivas sobre este assunto que tão de perto interessa ao criador.

RESUMO

- 1) Esta experiência não mostra vantagem econômica na castração de marrãs para engorda.
- 2) Outras experiências tem que ser feitas, conforme plano já organizado, para uma conclusão definitiva.
- 3) Pelo presente artigo podem-se tirar dados de consumo e alimento e custo de produção na engorda de porcos.

A CARNAUBA E A OITICICA

NO NORDESTE

A índole imprevidente do nosso povo deu causa, até hoje, ao retardamento do progresso agrícola. Os processos rotineiros, seculares, do cultivo dos campos, chegaram aos nossos dias. Em geral nossos lavradores, dados aos trabalhos rudimentares, cultivaram sempre as plantas de produção mais fácil e mais pronta, desprezando, em parte, as fruteiras e outros vegetais de mais vulto e de desenvolvimento demorado.

Percebe-se, porém, que um surto novo de idéias revoluciona a mentalidade agrícola. Os nossos homens do campo, estimulados pelos agentes do progresso e pela cooperação do governo, começam a compreender o grande e inestimável alcance da lavoura mecanizada, metodizada, científica.

E' preciso, entretanto, não aplicar somente à plantação herbácea os processos modernos. O futuro do Brasil, o futuro das famílias, dos filhos e dos netos, exige do agricultor uma visão mais larga, uma base mais sólida, mais duradoura no tempo.

Até hoje foi a natureza, exclusivamente, quem se encarregou de fornecer ao nordeste certos produtos, como a cera de carnauba e a semente de oiticica. Existem, é verdade, lavradores que já encetaram em suas terras o plantio sistemático dessas árvores. São elas, pela sua natureza, de vagaroso crescimento. Entretanto, a partir do segundo ou terceiro ano do seu plantio, longe ainda de produzir, começam a valorizar o terreno em que se encontram. Plantar a carnauba ou a oiticica é amealhar para si mesmo, para a sua velhice e para seus descendentes. E' formar um pecúlio garantido, que tende a aumentar sempre de valor. E' um bem que não se acaba. São árvores de longa duração, aptas a resistir e sobreviver às secas do nordeste. E' melhor plantar sementes de carnauba ou de oiticica, em terras próprias, do que depositar dinheiro nos bancos. O dinheiro é demasiadamente móvel, sujeito a oscilações e a crise. O carnaubal ou o oiticical é uma caução mais sólida, uma garantia duradoura e fixa para os seus possuidores. Uma das boas oportunidades que se oferece ao agricultor, para a iniciativa em apreço, é o preparo das roçadas. Nessa ocasião, a par da sementeira comum do milho, do feijão, da mandioca, deve o interessado fazer, ao mesmo tempo, o plantio da carnauba e da oiticica nos terrenos de coroa que em nada prejudicarão a essa lavoura.

Então, não haverá capoeiras abandonadas e inúteis, porque a semente preciosa, germinando, fará dessas capoeiras, em pouco tempo, ricos e valiosos campos de árvores da cera e do óleo.

Se todos os proprietários nordestinos plantarem, desde agora, a carnauba e a oiticica, em escala proporcional aos seus recursos, teremos, dentro de dez a quinze anos, multiplicado de um modo assombroso nossas possibilidades econômicas. Isso será um grande passo para anular, de vez, as crises periódicas que nos atormentam.